

MIRLANE MOREIRA GOMES

ANÁLISE DO DISCURSO LITERÁRIO: O DIALOGISMO, A POLIFONIA E A
ANTÍTESE NA FORMAÇÃO DE FIGURAS FEMININAS EM “GRANDE SERTÃO:
VEREDAS” DE GUIMARÃES ROSA

Projeto de qualificação apresentado à
Universidade Presbiteriana Mackenzie,
como requisito parcial para a obtenção de
título de Mestre em Letras.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Zélia
Borges

São Paulo

2007

MIRLANE MOREIRA GOMES

ANÁLISE DO DISCURSO LITERÁRIO: O DIALOGISMO, A POLIFONIA E A
ANTÍTESE NA FORMAÇÃO DE FIGURAS FEMININAS EM “GRANDE SERTÃO:
VEREDAS” DE GUIMARÃES ROSA

Projeto de qualificação
apresentado à Universidade
Presbiteriana Mackenzie, como
requisito parcial para a obtenção do
título de Mestre em Letras.

Aprovada em

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a : Maria Zélia Borges Orientadora
Universidade Presbiteriana Mackenzie

Prof.^a Dr.^a : Regina Helena Pires de Brito
Universidade Presbiteriana Mackenzie

Prof.^a Dr.^a : Vera Lúcia Crevin
Universidade Cruzeiro do Sul

Em meus textos, quero chocar o leitor, não deixar que ele repouse na bengala dos lugares comuns, das expressões acostumadas e domesticadas. Quero obrigá-lo a sentir uma novidade nas palavras.

João Guimarães Rosa

Ao meu pai, Milton
Minha avó, Ana
Meu irmão, Miltinho
(in memoriam)

Dedico

À minha mãe, suas orações fizeram diminuir as dificuldades que estavam por vir.

Ao Altair, cujo apoio, carinho, amor, companheirismo e dedicação foram indispensáveis para esta minha travessia.

Ao Caíque, meu filho, que é o meu maior motivo de nunca desistir perante as dificuldades.

Ao meu irmão, Marilton, que está sempre ao meu lado, me ajudando no que for necessário.

Às minhas amigas, Andréia, Cris Castão e Mirta que entenderam que muitas vezes a minha ausência era por esta nobre causa.

Ao meu amigo Luís Alberto, cuja sabedoria me fez ver caminhos jamais imaginados por mim.

AGRADECIMENTOS

À pesquisadora, amiga, orientadora Dr^a. Maria Zélia Borges, pelos ensinamentos importantes e atenção dispensada durante a realização deste trabalho.

À professora Elisa Guimarães, pela amizade e carinho durante o curso.

Ao meu marido Altair, que nunca deixou de acreditar na minha capacidade e por me incentivar a concluir este trabalho.

À Universidade Presbiteriana Mackenzie pelo apoio financeiro fornecido através da Reserva Técnica.

SUMÁRIO

RESUMO.....	8
ABSTRACT.....	9
INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO 1 — A ANÁLISE DO DISCURSO, A LITERATURA E GUIMARÃES ROSA	14
1.1 Fundamentação teórica.....	14
1.1.1 Origens e Propostas da Análise do Discurso	14
1.2 O Discurso Literário.....	19
1.2.1 Estilos de época: o Modernismo e o Neomodernismo	20
1.2.2 O Neomodernismo, as figuras de pensamento e a Antítese	22
1.2.3 Dialogismo e Polifonia	24
1.3 Traços biográficos de Guimarães Rosa	28
CAPÍTULO 2 — GRANDE SERTÃO:VEREDAS.....	32
2.1 Uma leitura de “ <i>Grande Sertão: veredas</i> ”.....	32
CAPÍTULO 3 — ANÁLISE DO CORPUS	37
3.1 Figuras Femininas em <i>Grande Sertão: veredas</i>	37
3.1.1 A Construção e a presença de Diadorim	32
3.1.1.1 Dialogismo, Polifonia e Antítese em Diadorim.....	42
3.1.2 A Construção e a Presença de Otacília.....	49
3.1.2.1 Dialogismo, Polifonia e Antítese em Otacília	46
3.1.3 A Construção e a Presença de Nhorinhá	53
3.1.3.1 Dialogismo, Polifonia e Antítese em Nhorinhá	56
CAPÍTULO 4 — CONCLUSÃO	59
Referências Bibliográficas	64

RESUMO

Esta pesquisa tem como principal o estudo da obra Grande Sertão: veredas, representante do Modernismo e Neomodernismo brasileiros, escrita pelo autor mineiro Guimarães Rosa, cujo objetivo é, particularmente, a análise de três figuras femininas que fazem parte deste romance, sob o ponto de vista da Análise do Discurso.

Neste trabalho, a Análise do Discurso pretende contribuir para que alguns aspectos sejam observados, o que é de interesse para a Literatura e para a Análise do Discurso.

A obra apresenta vinte mulheres e grande é a importância das figuras femininas para Rosa, porém, três delas constituem o fulcro do andamento do enredo de todo o romance, por esta razão, Diadorim, Otacília e Nhorinhá são as personagens escolhidas para análise dos elementos discursivos que as personificam.

A proposta teórica é a de demonstrar as origens e tendências da Análise do Discurso(AD) e, para isso, alguns autores como Maingueneau, Orlandi e Foucault são citados para serem representantes de propostas atuais de análises que colocam a AD como ciência interdisciplinar.

O Dialogismo e a Polifonia, segundo Bakhtin, são conceitos apresentados e analisados nas partes selecionadas para a composição do Corpus. Este procedimento completa a maior questão desta pesquisa que é a de demonstrar como a Antítese, o Dialogismo e a Polifonia são recursos de grande destaque para a Formação discursiva das figuras femininas estudadas.

Palavras- chave: Antítese, Dialogismo e Polifonia

ABSTRACT

This research has as main subject the study of the workmanship *Grande Sertão: veredas*, representative of the Brazilian Modernismo and Neomodernismo, written for mining author Guimarães Rosa, whose objective is, particularly, the analysis of three feminine figures that are part of this romance, under the point of view of the Analysis of the Speech.

In this work, the Analysis of the Speech intends to contribute so that some aspects are observed, what it is of interest for the Literature and the Analysis of the Speech. The workmanship presents twenty women and great it is the importance of the feminine figures for Rosa, however, three of them all constitute the fulcrum of the course of the plot of the romance, for this reason, Diadorim, Otacília and Nhorinhá are the personages chosen for analysis of the speech elements that impersonate them.

The proposal theoretical is to demonstrate to the origins and trends of the Analysis of Speech (AD) e, for this, some authors as Maingueneau, Orlandi and Foucault are cited by being representative of current proposals of analysis that place the AD ones as science to interdisciplinary. The “Dialogismo” and the “Polifonia”, according to Bakhtin, are concepts presented and analysed in the parts selected for the composition of the Corpus.

This complete procedure the biggest question of this research that is to demonstrate as the “Antitese”, the “Dialogismo” and the “Polifonia” are resources of great prominence for the Speech Formation of the studied feminine figures.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa estuda *Grande Sertão: veredas*, obra escrita pelo autor mineiro João Guimarães Rosa.

O objetivo da pesquisa é analisar três figuras femininas do romance, sob o ponto de vista da Análise do Discurso.

O interesse pelo estudo do tema é justificado pelo autor e sua obra serem reconhecidos como grandes expressões da Literatura Brasileira. O autor sendo ele um representante do período modernista, geração de 45, época em que os autores têm a liberdade de criar novas palavras e inseri-las ao texto, Guimarães trouxe para o romance *Grande Sertão: veredas* palavras e expressões proferidas no sertão mineiro e fez com que tais palavras fossem reconhecidas em todo o Brasil e no exterior por ter a obra um grande valor para a literatura universal.

Neste trabalho, analisa-se a Antítese que é de interesse da Literatura e o Dialogismo e a Polifonia de interesse para a Análise do Discurso. Essa diversidade de interesses é justificada, pois a obra tem traços que são pertinentes, já que a Literatura é configurada como gênero do Discurso Literário, o que viabiliza um estudo de natureza interdisciplinar, inclusive porque o discurso é construído por interdiscursividades.

A obra apresenta vinte mulheres e grande é a importância destas figuras femininas para a formação do personagem Riobaldo, mas três destas mulheres constituem o fulcro do enredo de todo o romance. Por esta razão, Diadorim, Otacília

e Nhorinhá serão as personagens escolhidas para análise dos elementos discursivos que as personificam.

O projeto está estruturado em quatro capítulos, descritos a seguir:

Capítulo 1 — A Análise do Discurso, a Literatura e Guimarães Rosa, no qual a fundamentação teórica será apresentada e suas teorias embasarão a análise do *corpus*.

As obras de autores como Dominique Maingueneau, Eni Pulcinelli Orlandi e Michel Foucault serão utilizadas por apresentarem as bases teóricas das propostas atuais de análises que colocam a Análise do Discurso como ciência interdisciplinar.

Ainda no capítulo 1, as reflexões sobre a natureza estética da Literatura, como um tipo de discurso especializado, serão levantadas, com base na teoria de Hênio Tavares sobre o estudo do conceito estético.

A interdisciplinaridade entre as ciências como História e Sociologia serão abordadas na análise contextual de *Grande Sertão: veredas*.

A Antítese (figura de pensamento) será um dos focos da análise do *corpus*, pois as personagens femininas roseanas, em alguns momentos, são contrárias umas às outras e, ora se aproximam como partes que se completam na vida de Riobaldo.

Com o intuito de comparar as figuras de pensamento, Antítese e Oxímoro, este será estudado para demonstrar a distância que há entre o conceito de diferença (Antítese) e o de exclusão (Oxímoro).

O Dialogismo e a Polifonia, segundo Bakhtin, serão apresentados e analisados nas partes selecionadas para a composição do *corpus*. Este procedimento procura responder à maior questão desta pesquisa que é a de

demonstrar como a Antítese, o Dialogismo e a Polifonia são recursos de grande destaque para a formação discursiva das figuras femininas a serem estudadas.

A biografia resumida de Guimarães Rosa será apresentada a fim de demonstrar que a lógica do contexto, estilo-autor e obra, se compactuam em *Grande Sertão: veredas*.

O Capítulo 2 — Grande Sertão: veredas faz-se uma breve síntese sobre a obra que contribuirá para que esta seja reconhecida por leitores desta pesquisa, bem como as características fundamentais que a compõem.

No Capítulo 3 — Análise do *corpus*, serão usados fragmentos extraídos da obra para representar a construção e a presença de Diadorim, Otacília e Nhorinhá e estes fragmentos serão analisados com base no Dialogismo, Polifonia e a Antítese.

O critério que orientou a escolha de certos fragmentos e não a de outros, para que se consolidassem os objetivos específicos no momento da análise, foi o de considerar importantes aqueles que, aos olhos de Riobaldo, fossem descritivos o bastante para que o leitor reconhecesse as diferenças entre a formação destas mulheres, de maneira que não se confundisse Diadorim com Otacília e Nhorinhá.

Pretende-se, portanto, demonstrar que o Dialogismo, a Polifonia e a Antítese são ferramentas de organização das figuras femininas a serem analisadas, que modelam de forma diferente as personagens e que, embora apresentem teorias concretas, são flexíveis no momento de diversificação de comportamento psico-cultural dos personagens.

Finalmente, procura-se mostrar que Análise do Discurso possibilita a confirmação de hipóteses que poderão contribuir não só para o entendimento do dizer de Guimarães Rosa em *Grande Sertão: veredas*, mas que também assegura ser a Polifonia, o Dialogismo e a Antítese recursos interdisciplinares para futuras

incursões na criação Literária e instrumentos seguros para a Análise do Discurso, na qualidade de ciência interdisciplinar.

Na parte final, será apresentado o capítulo 4 — Conclusão, seguindo-se as referências bibliográficas que colaboraram para a tarefa da análise e que contribuíram como relevantes apontamentos teóricos para a construção de reflexões.

CAPÍTULO 1 — A ANÁLISE DO DISCURSO, A LITERATURA E GUIMARÃES ROSA

1.1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1.1 Origens e Propostas da Análise do Discurso

A Análise do Discurso (AD) surgiu na França, na década de 60, com trabalhos de Jean Dubois e Michel Pêcheux com o objetivo de colaborar com as análises textuais e procurar compreender e revelar os modos de funcionamento dos discursos em nível lingüístico-textual.

A AD procura exteriorizar as ideologias que cada discurso traz em si, considera as diferentes proposições do ato lingüístico, segundo um determinado contexto sócio-histórico. Discurso, em uma visão popular, em uma linguagem comum é assim denominado no dicionário Aurélio (2004, p. 322) “peça oratória proferida em público, exposição metódica sobre certo assunto, arrazoado”, mas como objeto de estudo da Análise do Discurso, Discurso é a prática social de produção de textos. No Dicionário de Análise do Discurso de Patrick Charaudeau, o Discurso é conceituado por vários estudiosos de visões diferentes. Para Charaudeau (2006, p. 171):

O discurso não é discurso a não ser que esteja relacionado a uma instância que, ao mesmo tempo, se põe como fonte dos pontos de referências pessoais, temporais, espaciais, e indica qual relação adota em relação àquilo que diz e a seu interlocutor.

O discurso é analisado com base no seu contexto histórico-social e suas condições de produção, pois, o discurso não é individual e sim uma construção social e reflete uma visão do mundo vinculada ao seu sujeito discursivo e a sociedade em que vive. Sujeito discursivo não é um ser individualizado, voltado só para o seu “eu” e sim um ser social inserido na história, o sujeito é heterogêneo pois tem diferentes vozes que o constituem, por este motivo também é polifônico.

Até a década de 50, a realidade extradiscursiva era o fator fundamental para a análise do conteúdo, deixando de lado as articulações lingüísticas e textuais.

A Análise do Discurso de linha francesa, sob o ponto de vista de Maingueneau, apresenta três motivos para sua origem, sendo eles:

- A) A AD teria surgido como oportunidade oferecida pela Filologia, quando esta deixou de ser uma análise suficiente para a História, Filosofia e Antropologia, e a Europa tinha por prática unir as reflexões textuais à História;
- B) Teria surgido do cotidiano escolar francês que tinha como exercício a leitura e interpretação de textos;
- C) Viria de uma concepção estruturalista que via o texto de forma diversa da Filologia, procurando abordar o texto na sua constituição em imanência.

Segundo Maingueneau, (1997, p.10), a Análise do Discurso “... articula lingüística, marxismo e psicanálise, tendo a interdisciplinaridade como base para a reflexão e interpretação”.

A Teoria das Ideologias apresenta, a “deformação imaginária” como objeto de estudo percebido nas “relações reais” atuantes em uma determinada sociedade e o processo de deformação entre o que é vivido e o que é real pode ser representado e materializado pela linguagem.

A Análise do Discurso foi revista por três vezes por Pêcheux e por esta razão foi sintetizada em três épocas. Essas épocas não são separadas cronologicamente.

A primeira época da Análise do Discurso é baseada em um conjunto de discursos produzidos em um dado momento, esses discursos são homogêneos e fechados em si. O discurso é considerado como resultante de condições de produção estáveis e homogêneas. Os procedimentos do discurso têm início e final predeterminado.

A segunda fase continua a apresentar discursos homogêneos, mas também aparecem alguns heterogêneos, a formação discursiva começa a fazer parte da Análise do Discurso.

Na fase final, terceira fase, desaparece a noção de um discurso homogêneo, com início e final predeterminado, o discurso passa a ter características puramente heterogêneas.

A explicação do porquê está a Análise do Discurso, continuamente, associada à idéia de contexto é devida à natureza complexa da linguagem, as dimensões que esta linguagem cria ao que lhe é exterior em nível sócio - ideológico. Contexto social é movimento, é prática social da linguagem, como propôs Orlandi ao definir o termo discurso como “palavra em movimento, prática da linguagem” (2005 p.15). É a linguagem engendrada pelas práticas sociais e marcada pelos processos ideológicos que a conduzem. Seja como “ideologia geral” ou “ideologia particular”, o discurso se

concretiza, expressando a concepção de mundo em contextos vividos pelo homem ao longo da sua história.

Foucault define o discurso como um conjunto de enunciados na mesma formação discursiva em convergência uns com os outros. Formação Discursiva é uma junção de diversas vozes sociais inseridas no tempo e no espaço com diferentes formações ideológicas em torno de um mesmo tema, é uma mistura de discursos diferentes que chamamos de interdiscursividade. A Formação Discursiva é heterogênea, enquanto Formação Ideológica é a posição, o pensamento do sujeito em relação a um determinado assunto. Devido à definição de Foucault, torna-se possível dizer o que é ou não pertinente a uma época, a um espaço do sujeito.

A formação discursiva para Foucault (1997, p.136) é:

Um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiram, em uma dada época e para uma determinada área social, econômica, geográfica ou lingüística, as condições de exercício da função enunciativa.

Foucault analisa o discurso como um fato enunciativo e institucional em suas diferentes práticas concretas de articulação discursiva, por esta razão, considera que: “... não se pode falar de qualquer coisa em qualquer época; não é fácil dizer alguma coisa nova”. (1997, p.132). O autor destaca, não apenas o contexto histórico-social, mas os elementos inerentes às condições de produção de determinado enunciado. Portanto, em condições de igualdade de experiências dos sujeitos, há a produção das redes de sentidos compactuados e revelados nas produções discursivas.

Se as representações lingüísticas são resultados das combinações de letras, símbolos e espaços para que seja elaborado o texto, este será a materialização no discurso, de enunciados de um núcleo social em integração sócio-histórica e ideológica dos sujeitos implicados no mesmo núcleo, concretizados pela forma e unidades de palavras ou frases, objeto de análise da lingüística textual. A AD analisa

como tais recursos lingüísticos adquirem conteúdo, sentidos. Para a AD, a linguagem só terá sentido se inscrita em discurso, em “estratégias de interlocução, em posições sociais ou em conjunturas históricas” (MAINGUENEAU, 1977, p. 10).

Ainda, segundo Maingueneau (2004, p. 68), os elementos utilizados pelos locutores agrupam-se pelo léxico corrente ou pelo especializado — termos — de modo a produzirem uma variedade muito grande de textos, onde o léxico e sua forma de apresentação determinam a categoria do discurso: manual, conversa, jornal, panfleto, semanário, ou outro que oriente o tipo comunicacional que se pretende:

Categorias como “discurso polêmico”, “didático”, “prescritivo” etc. indicam aquilo que faz o enunciado, qual é a sua orientação comunicacional. Elas se apresentam ora como classificações por funções da linguagem, ora por funções sociais. Mas é muito difícil traçar uma fronteira nítida entre esses dois tipos. Oscila-se entre categorias muito abstratas, como polêmico, prescritivo, informativo, que permeiam o conjunto de gêneros de discurso, e categorias muito mais próximas das divisões da sociedade em setores de atividades (político, estético, ético etc.). (MAINGUENEAU, 2004, p. 60).

A definição de gênero do discurso, para Maingueneau, é muito clara: os gêneros pertencem a diversos tipos de discursos vinculados a atividades sociais.

A Literatura é um gênero discursivo e possui sua estética própria, o que a diferencia de outros gêneros.

Os aspectos teóricos da AD que servirão de proposta para a análise literária que compõem o *corpus* serão, fundamentalmente, baseados nos conceitos de Polifonia e de Dialogismo, segundo Bakhtin, além da Antítese como figura de pensamento. Mas, quais são as características do Discurso Literário?

1.2 O DISCURSO LITERÁRIO

O Discurso Literário é um discurso de valor conotativo, é uma apresentação única da linguagem que tem como significante a própria linguagem em que se mistura a realidade material com a ficcional.

A forma na qual o discurso literário se apresenta pode diferenciar-se da relação que as palavras têm consigo mesma, dando um novo sentido para cada palavra, de acordo com o contexto.

O Discurso Literário é a mostra do mundo imaginário do autor. O autor caracteriza o discurso como ele quer e dá uma forma circular às palavras ligando-as umas nas outras e criando significados diferentes do que é esperado. É um discurso que dá direito a múltiplas interpretações, pois ele tem uma estética própria.

Em todo Discurso Literário há um sujeito com ideologia. Não existe discurso anônimo, mesmo o discurso anônimo tem sua autoria, mas sem identificação.

O Discurso Literário é heterogêneo.

A palavra Literatura, criada pelos latinos, confundia-se com gramática. Os latinos usavam a literatura e a gramática como se fosse uma disciplina única. No final do século XVIII, a literatura começou a ter o sentido que tem hoje.

Segundo Tavares (1996, p.27)

o termo "literatura é mais uma dessas palavras impossíveis de uma conceituação uniforme, tal a polivalência de sentidos com que é tomada não só no âmbito restrito das Belas- Artes como também nas conversas gerais da fala rotineira.

Os primeiros textos sobre a Teoria Literária foram escritos na Antiguidade Grega.

Soares Amora (1944, p. 10) divide a literatura em duas partes que se denominam: “Era Clássica (dos sofistas até o século XVIII); Era Moderna (do Romantismo aos nossos dias)”.

Na Era Clássica, a arte literária era ampla e fazia parte da literatura as obras de qualquer natureza. Segundo Soares Amora (1944, p.13) “ A Arte Literária consiste na realização dos preceitos estéticos da invenção, da disposição e da elocução”.

Na Era Moderna , a literatura que era um termo genérico, passa a ter um sentido diferente da gramática. Para estudar literatura inicia-se com a definição de dois conceitos relevantes: Teoria Literária e Crítica Literária.

A literatura passa a ter o sentido de Arte Literária e se transforma em uma matéria não só crítica, mas também estética.

1.2.1 Estilos de época: o Modernismo e o Neomodernismo

O estilo de uma época é a sua constituição fisionômica, cada época tem tendências próprias, mesmo na transição, pois a transição já é a própria mistura de tendências. No entanto, os autores são livres para o ato de escrever e para a finalidade de realização pessoal como artista que são. Um exemplo disto é Machado de Assis, que na, sua primeira fase, é tomado por autor romântico e não realista e só passa a escrever com características realistas anos mais tarde. Entre os estilos mais evidenciados estão o Renascentista, Barroco, Neoclássico, Romântico, Realista,

Simbolista, Impressionista e Modernista, considerando-se as variedades no desenvolvimento de cada um desses estilos.

O movimento modernista surgiu após o conflito mundial de 1914-1918.

As características do século XX foram resultantes das inquietações daquela época. O contato entre os homens fora facilitado pelos meios de comunicação que se aperfeiçoaram, surgiu o telégrafo sem fio, o rádio, que chegaram até aos dias de hoje.

A Literatura acompanhou e acompanha todos os movimentos humanos ao longo da sua história, a arte modernista foi registrada em movimentos literários variados como o movimento verde-amarelo no Brasil, por exemplo. A arte modernista apresenta suas primeiras manifestações na pintura com Pablo Picasso (“Les Femmes d’Alger (O J)”, em 1907); na Literatura, tem-se o evento da revista “Figaro” em Paris, quando Marinetti apresenta o futurismo. Na Europa as manifestações modernistas foram desenhando as novas estéticas literárias e não-literárias.

Em 1922, na “Semana da Arte Moderna”, em São Paulo, definiu-se o novo estilo no Brasil. Apesar de negar as características cristalizadas pelo passado, é possível catalogar algumas de suas estabilidades:

- a) direito à pesquisa e criação;
- b) verso livre- na poesia- versolibrismo (ritmo psicológico);
- c) ruptura da seqüência lógica do discurso;
- d) imagens moldadas pelas bases do cotidiano;
- e) interesse pelo popular e vulgar.

Variadas foram as correntes modernistas, como: Futurismo; Dadaísmo; Surrealismo; Purismo; Cubismo; Imagismo; Vorticismo; Verismo; Ultraísmo; Criacionismo; Expressionismo; Existencialismo e Concretismo.

O que se viu, inicialmente, no Brasil foi a coexistência de tendências anteriores, uma verdadeira simbiose de estilos e de propostas, daí o termo Pré-Modernismo.

A primeira fase do Modernismo no Brasil caracterizou-se como combativa, a segunda, como construtiva e a terceira, nascida na era atômica, 1945, época da tecnocracia, época em que a maior expressão da literatura foi Guimarães Rosa. Livre de preconceitos, revisando o passado e renovando o presente, desprovido de recalques, senhor da liberdade e de vontade próprias. Guimarães escreveu não em oposição ao modernismo, mas recriando o modelo estético, daí ser também neomodernista.

1.2.2 O Neomodernismo, as figuras de pensamento e a Antítese

O pensamento livre e a recriação do estético facilitam a expressão do pensamento que tem como objetivo traduzir as emoções, as paixões e as diferenças. A antítese é uma figura de linguagem importante na presença das personagens femininas em *Grande Sertão: veredas*, de Guimarães Rosa.

A Antítese, também denominada contraste, é a Figura de Pensamento que explica a oposição entre duas ou mais idéias, dois ou mais pensamentos que não se excluem, mas opõem-se de forma que, ao não se excluírem, uma gera vida na outra.

Segundo Tavares (1981, p. 347), a Antítese é a “figura basilar do pensamento e do sentir: nascimento x morte; amor x ódio; dia x noite; alegria x dor”. Há um tipo

particular de Antítese chamado de Oxímoro, quando as colocações, as palavras se excluem, já próxima do Paradoxo, uma das características das líricas medievais nos séculos XVI e XVII. A poesia se utilizava do Oxímoro em expressões como: silêncio ensurdecedor, boatos fidedignos, supérfluo essencial e mentiras sinceras.

Vê-se que a Antítese é diferente do Oxímoro, pelo fato de ser a primeira o jogo das oposições e, a segunda, a possibilidade do pensamento contrário, a antítese extrema próxima do absurdo. Quando intensificamos uma antítese chegamos ao conceito de Oxímoro.

Em Camões, os Oxímoros são percebidos em grande quantidade: “Então, falo melhor quando emudeço... Que de matar-me vivo... ”ou como se percebe no soneto 40: “Amor é fogo que arde sem se ver: É ferida que dói e não se sente; é um contentamento descontente; é dor que desatina sem doer. ”

As duas figuras, Antítese e Oxímoro, são diferentes no grau de intensificação. O exemplo abaixo declara, por meio da Antítese, o menor grau emocional das diferenças, oposições não excludentes no dizer de Vinícius de Moraes em Soneto do Amor Maior (1992 p. 118):

Maior amor nem mais estranho existe
que o meu – que não sossega a coisa amada
e, quando a sente alegre, fica triste,
e, se a vê descontente, dá risada....

A Antítese, no caso, está na estranheza, no amor e a noção de contrariedade, no que se compreende pelas colocações verbais “fica triste”, “dá risada”, ora um estado de ser, ora outro, mas no recurso do Oxímoro o triste seria feliz e o rir seria chorar, logo, um outro grau de oposições.

A própria condição do modernismo e do neomodernismo propõem um grau não de exclusão, mas de diferença, o que justifica este estudo focar a Antítese como

figura de pensamento para a análise de algumas figuras femininas de *Grande Sertão: veredas*.

1.2.3 Dialogismo e Polifonia

A noção de Dialogismo proposta por Bakhtin aponta para a relação locutor-interlocutor. O locutor anuncia em função da existência, seja virtual ou real, de um interlocutor, no qual se supõe que exista uma atitude responsiva.

Dialogismo para Charaudeau (2006, p. 160) é:

Conceito emprestado, pela Análise do Discurso, ao Círculo de Bakhtin e que se refere às relações que todo enunciado mantém com os enunciados produzidos anteriormente, bem como com os enunciados futuros que poderão os destinatários produzirem.

A enunciação é compreendida no movimento dialógico e pressupõe dizeres próprios de uma condição discursiva.

Em relação com os dizeres alheios, estes devem reagir às proposições. “Reagimos àquelas (palavras) que despertam em nós ressonâncias ideológicas ou concernentes à vida” (Bakhtin: 1992, p.95).

Logo, segundo Bakhtin, compreender significa participar da interação dos significados das palavras e seus conteúdos ideológicos, das condições de produção entre locutor e receptor. Desta forma, na ótica de Bakhtin (1992, p. 123):

...a verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas lingüísticas, nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua.

O autor, ainda, afirma:

O diálogo no sentido estrito do termo, não constitui, é claro, senão uma das formas, é verdade que das mais importantes da interação verbal. Mas pode-se compreender a palavra diálogo num sentido mais amplo, isto é, não apenas como a comunicação em voz alta, se pessoas colocadas face a face, mas toda comunicação verbal, de qualquer tipo que seja. (p.123).

O diálogo, tanto exterior, na relação com o outro, quanto no interior da consciência, quando escrito se realiza na linguagem em qualquer forma de discurso, do cotidiano ou da arte literária, isto é, o processo de comunicação se dá tanto no contato com outro sujeito da comunicação (emissor-receptor) quanto no diálogo interno do eu para consigo mesmo; seja este dizer expresso na comunicação do cotidiano ou como discurso especializado, no caso em estudo, na literatura.

O momento histórico compartilhado pelos interlocutores sociais, mesmo quando consideradas suas variáveis, forma as condições para a existência dos diálogos entre eles; conforme Bakhtin, o Dialogismo constrói a linguagem e, assim, todo gênero é dialógico. Estes gêneros estão sendo separados por muitos pesquisadores para que o dialogismo seja analisado de uma melhor forma.

O Dialogismo difere da Polifonia no que tem a Polifonia de vozes polêmicas, manifestando diferentes pontos de vista sociais de modo combativo.

Para Bakhtin,(1997, p. 05), Dostoievski é o criador do romance polifônico, apresentando contradições não superadas "... a multiplicidade de vozes e consciências independentes e imiscíveis e a autêntica polifonia de vozes plenas constitui de fato a peculiaridade fundamental dos romances de Dostoievski" (1997, p. 4). Foi a partir deste estudo que Bakhtin fundamentou seus conceitos.

Polifonia são as diferentes vozes sociais que se misturam vindas de diferentes discursos proferidos pelo sujeito discursivo. A polifonia é heterogênea, pois é um misto de vozes e ideologias diferentes.

Charaudeau diz que (2006, p. 384):

Polifonia é um termo emprestado da música, que alude ao fato de que os textos veiculam, na maior parte dos casos, muitos pontos de vista diferentes: o autor pode fazer falar várias vozes ao longo de seu texto.

Na Polifonia a existência dos personagens é marcada pelas diferentes vozes que não correspondem necessariamente ao pensamento do autor e no dialogismo o discurso é constituído pelo discurso de outro. Para gerar a idéia de diferentes vozes e para entabular a relação entre interlocutores o autor precisará conhecer todos os contextos e todas as ideologias em que as situações foram engendradas, considerando-se que todas orações estão centralizadas em um mesmo tema, ou seja, a Polifonia é caracterizada por diferentes classes de vozes, segundo seu poder, e o Dialogismo é caracterizado no momento do discurso dos interlocutores.

Para Bakhtin, o Dialogismo está presente em todos os gêneros, pois é constitutivo da linguagem, porém, não se pode confundir Dialogismo com Polifonia porque há gêneros dialógicos polifônicos (vozes polêmicas) e gêneros dialógicos monofônicos, uma voz que domina as outras vozes.

Os romances, quando monológicos, apresentam vários personagens imbuídos do desejo de exprimir uma opinião elitizada, a do autor.

Nos romances polifônicos, cada personagem possui um ponto de vista, seja ele coincidente com a do autor ou não, e neste tipo, Dostoiévski se destaca, também, na Rússia, ao que Bakhtin (1997, p. 4 / 5) revela:

Não há em suas obras pluralidade de caracteres e de destinos desenvolvidos dentro de um único mundo, mas, verdadeiramente, multiplicidade de coincidências [...] cada uma das quais possui seu próprio mundo e se combina aqui na unidade de um acontecimento, continuando sem se confundir. Efetivamente, os heróis principais de Dostoievski, na concepção do próprio escritor, não são apenas produtos da fala do autor, são também, sujeitos do seu próprio dizer [...] Nesse sentido, a representação do herói não é em Dostoiévski essa representação objetiva do herói que se encontra comumente no romance tradicional. Dostoiévski é o criador do romance polifônico.

A qualidade do discurso literário está em se criar ou recriar mundos, pensamentos, falares e ideologias manifestadas pelo verbo com valor estético, cuidadoso, estar próximo da definição do que pode ser ou representar o ato literário e a Literatura, Romance, Novela, Epopéia ou Conto.

1.3 TRAÇOS BIOGRÁFICOS DE GUIMARÃES ROSA

Guimarães Rosa ao ser entrevistado por Günter Lorens (1991, p.72), faz o seguinte comentário sobre a sua biografia:

Que nasci no ano de 1908, você já sabe. Você não deveria me pedir mais dados numéricos. Minha biografia, sobretudo minha biografia literária não deveria ser crucificada em anos. As aventuras não têm tempo, não tem princípio nem fim. E meus livros são aventuras; Para mim são minha maior aventura. Escrevendo descubro sempre um novo pedaço de infinito. Vivo no infinito; o momento não conta ponto. Vou lhe revelar um segredo: creio já ter vivido uma vez. Nesta vida, também fui brasileiro e me chamava João Guimarães Rosa. Quando escrevo, repito o que já vivi antes. E para estas duas vidas, um léxico só não é suficiente. Em outras palavras, gostaria de ser um crocodilo vivendo no rio São Francisco. O crocodilo vem ao mundo como um 'magister' da metafísica, pois para ele cada rio é um oceano, um mar de sabedoria, mesmo que chegue a ter cem anos de idade. Gostaria de ser um crocodilo porque amo os grandes rios, pois são profundos como a alma de um homem. Na superfície são muito vivazes e claros, mas nas profundezas são tranqüilos e escuros como o sofrimento dos homens. Amo ainda uma coisa dos nossos grandes rios: sua eternidade. Sim, rio é uma palavra mágica para conjugar eternidade. A estas alturas você já deve estar me considerando um louco ou um charlatão.”

Esta descrição feita por João Guimarães Rosa a Lorens surpreendeu-o. Guimarães também diz acreditar que nossas tarefas nunca são maiores do que podemos realizar.

João Guimarães Rosa é mineiro de Cordisburgo, cidade situada entre Curvelo e Sete Lagoas, nasceu em 27 de junho de 1908, sendo o primogênito dos seis filhos do senhor Floduardo Pinto Rosa, pequeno comerciante, e de Dona Francisca Guimarães Rosa, mais conhecida por Dona Chiquinha.

Sobre sua infância, Guimarães falou uma vez: “Não gosto de falar em infância. É um tempo de coisas boas, mas sempre com pessoas grandes incomodando a gente, intervindo, estragando os prazeres”. (LORENS, 1991, p. 72).

Após esta infância no interior de Minas Gerais, começou a ser alfabetizado com Mestre Candinho, e ficou muito feliz ao conseguir, aos seis anos, ler o primeiro

livro em francês: *Les Femmes qui Aimment*. Guimarães Rosa foi para Belo Horizonte com seu avô, em 1918. Estudou no Colégio Arnaldo. Formou-se em Medicina e exerceu a profissão no interior de Minas, principalmente na Zona da Mata Mineira, onde recolheu importante material para as suas obras.

Em 1934, ingressou na carreira diplomática. No exercício de cargos diplomáticos, inclusive o de embaixador, viveu em vários países, sempre escrevendo e ampliando seus conhecimentos sobre línguas e culturas diferentes. São suas as seguintes palavras:

Falo: português, alemão, francês, inglês, espanhol, italiano, esperanto, um pouco de russo; leio: sueco, holandês, latim e grego (mas com o dicionário agarrado); entendo alguns dialetos alemães; estudei a gramática: do húngaro, do árabe, do sânscrito, do lituânio, do polonês, do tupi, do hebraico, do japonês, do tcheco, do finlandês, do dinamarquês; bisbilhotei um pouco a respeito de outras. Mas tudo mal. E acho que estudar o espírito e o mecanismo de outras línguas ajuda muito à compreensão mais profunda do idioma nacional. Principalmente, porém, estudando-se por divertimento, gosto e distração. (GUIMARÃES, 1972, p.173)

Como escritor, Guimarães Rosa é uma das principais expressões da literatura brasileira. Sua obra é genial e deslumbra as várias tendências da crítica e do público. Guimarães Rosa conquistou o prêmio da Academia Brasileira de Letras com um livro *Magma*, de poemas, (nunca publicado), estreou em 1946 com *Sagarana* (contos) . De cunho regionalista, a obra surpreendeu a crítica, em virtude da originalidade de sua linguagem e de suas técnicas narrativas, que apontavam uma mudança substancial na velha tradição regionalista. Dez anos depois, o autor confirmaria as expectativas, dando a público, de uma só vez, em 1956, duas obras-primas: *Corpo de baile* (novelas) e *Grande Sertão: veredas* (romance). Publicou ainda *Primeiras estórias* (1962) e *Tutaméia – Terceiras estórias* (1967). Atualmente a obra *Corpo de baile* é publicada em três partes: *Manuelzão e Miguilim*, *No Urubuquaquá, no Pinhém e Noites do Sertão*.

Guimarães Rosa introduziu uma novidade lingüística pelo regionalismo: recriou na literatura a fala do sertanejo, tanto no plano do vocabulário como no da sintaxe e no da melodia da frase. Deu voz ao homem do sertão por meio de técnicas como o foco narrativo em 1ª pessoa, o discurso direto e o discurso indireto livre. A língua falada no sertão está presente em toda a obra; como resultado de inúmeros anos de observação, anotações e pesquisa lingüística. Guimarães Rosa (1986, p. 1) capricha na construção melódica e sintática neste fragmento inicial de *Grande Sertão: veredas* :

___ Nonada. Tiros que o senhor ouviu foram de briga de homem, não, Deus esteja. Alvejei mira em árvore, no quintal, no baixo do córrego. Por meu acerto. Todo dia isso faço; gosto, desde mal em minha mocidade. Daí, vieram me chamar. Causa dum bezerro: um bezerro branco, erroso, os olhos de nem ser – se viu –; e com máscara de cachorro.

Contudo, a linguagem de Guimarães Rosa não tem a intenção de retratar realisticamente a língua do sertão mineiro. Ela vai além: tomando por base a língua regional, Guimarães recria a própria língua portuguesa, por meio do aproveitamento de termos em desuso, da criação de neologismos, do emprego de palavras tomadas de empréstimo a outras línguas e da exploração de novas estruturas sintáticas.

Além disso, sua narrativa faz uso de recursos mais comuns à poesia, tais como o ritmo, as aliterações, as metáforas e as imagens, obtendo, assim, uma prova altamente poética, situada no limite entre a poesia e prosa.

Outro aspecto de destaque na obra Roseana é sua capacidade de transpor os limites do espaço regional, em que quase sempre se situam seus textos, e alcançar uma dimensão universal.

Em *Grande Sertão: veredas*, o narrador Riobaldo afirma: “o sertão é o mundo”. E é com base nesse pressuposto que a narrativa roseana vai nos envolvendo, como se também fôssemos sertanejos e jagunços e fizéssemos parte daquele mundo. Passamos então a lidar com os mais variados temas, conforme

vamos nos identificando com as preocupações do homem sertanejo: o bem e o mal, deus e o diabo, amor, violência, traição, o sentido e o aprendizado da vida, a descoberta infantil do mundo.

Nota-se, ainda, que essas reflexões não são exclusivas do sertão mineiro; são também nossas, do homem urbano, e do homem do campo, do norte e do sul do país. Na verdade, Guimarães Rosa é um escritor universal, que consegue vasculhar as profundezas da alma humana e captar suas inquietações, conflitos e anseios, sem, contudo, perder o sabor da língua, dos valores e da psicologia do homem do sertão mineiro.

Enfim, Guimarães Rosa é um desses escritores que representam a síntese de toda uma trajetória de experiências formais e ideológicas da literatura de uma geração e, às vezes da literatura de um século.

CAPÍTULO 2 — GRANDE SERTÃO: VEREDAS

2.1 UMA LEITURA DE “GRANDE SERTÃO: VEREDAS”

Grande Sertão: veredas é o único romance de João Guimarães Rosa, publicado duas vezes: a primeira vez em 1956 e a segunda em 1958. Este romance é narrado em primeira pessoa, sendo Riobaldo o personagem narrador.

Escrito em prosa, *Grande Sertão: veredas* narra a história de Riobaldo, um jagunço que se apaixonou por Diadorim, viveu uma breve aventura amorosa com Nhorinhá e casou-se com Otacília.

Guimarães Rosa traz para o romance um vocabulário novo que fez dele um dos autores mais inovadores da época.

Riobaldo narra sua vida de jagunço a um doutor, num relato longo e sem interrupções. Este doutor só se manifesta por olhares, balançar de cabeça e risos. A narrativa é um “quase monólogo” e tem duração de três dias. Começa com um travessão, indicando a fala de Riobaldo.

— Nonada. Tiros que o senhor ouviu foram de briga de homem, não, Deus esteja. Alvejei mira em árvore, no quintal, no baixo do córrego. Por meu acerto. Todo dia isso faço; gosto, desde mal em minha mocidade. Daí, vieram me chamar. Causa dum bezerro: um bezerro branco, erroso, os olhos de nem ser – se viu –; e com máscara de cachorro. Me disseram; eu não quis avistar. Mesmo que, por defeito como nasceu, arrebicado de beijos, esse figurava rindo feito pessoa. Cara de gente, cara de cão; determinaram – era o demo. Povo prascóvio. Mataram. Dono dele nem sei quem for. Vieram emprestar minhas armas, cedi. Não tenho abusões. O senhor ri certas risadas... Olhe: quando é tiro de verdade, primeiro a cachorrada pega a latir, instantaneamente – depois então se vai ver se deu mortos. O senhor tolere, isto é o sertão. (ROSA, 1986, p. 1)

Riobaldo conta sua vida ao doutor sem ordem cronológica, fazendo várias perguntas sobre suas dúvidas, seus medos e seus anseios.

Nas primeiras cem páginas do romance, as idéias narradas por Riobaldo são inconclusas, as cenas são tumultuadas e os personagens aparecem e desaparecem de sua história sem explicações prévias. Riobaldo, em toda a obra, faz reflexões sobre a diversidade e a riqueza da existência.

Contar é muito dificultoso. Não pelos anos que já se passaram. Mas pela astúcia que têm certas coisas passadas de fazer balancê, de se remexerem dos lugares. (...) A lembrança da vida da gente se guarda em trechos diversos, cada um com seu signo e sentimento, uns com os outros acho que nem não misturam. (...) Tem horas antigas que ficaram muito mais perto da gente do que outras, de recente data. O senhor mesmo sabe; e se sabe, me entende. (ROSA, 1986, p.142)

Quanto ao tempo da narrativa todos os acontecimentos da vida passada de Riobaldo são narrados por ele ao seu interlocutor. Esta narrativa faz com que Riobaldo muitas vezes se interrogue e se angustie sobre sua vida na jagunçagem, sobre o seu passado difícil e perigoso ao lado de Diadorim, seu envolvimento rápido e quente com Nhorinhá e a tranqüilidade encontrada no momento em que decidiu casar-se com Otacília.

Em *Grande Sertão: veredas*, Riobaldo sofre com situações e pensamentos do passado que ainda fazem parte de seu presente. As inquietações de sua vida que atormentam a sua consciência são:

- a) existência ou não do Demônio;
- b) a relação entre o Bem e o Mal;
- c) o que significou o sentimento que experimentou por Diadorim;
- d) o sentido de sua vida como jagunço;
- e) a busca de uma explicação para a condição humana.

Riobaldo vive dois grandes problemas existenciais: a existência do diabo e seu amor por Diadorim.

Seu primeiro e maior problema é a incerteza sobre a existência ou não do diabo. Esta é a constante indagação de Riobaldo enquanto narra, emendando um caso no outro. Este é um drama vivido por Riobaldo.

Explico ao senhor: o diabo vige dentro do homem, os crespos do homem — ou é o homem arruinado, ou o homem dos avessos. Solto, por si, cidadão, é que não tem diabo nenhum. Nenhum! — é o que digo. O senhor aprova? Me declare tudo, franco — é alta mercê que me faz: e pedir posso, encarecido. Este caso — por estúrdio que me vejam — é de minha certa importância. Tomara não fosse... Mas, não diga que o senhor, assidado e instruído, que acredita na pessoa dele?! Não? Lhe agradeço! Sua alta opinião compõe minha valia. Já sabia, esperava por ela — já o campo! Ah, a gente, na velhice, carece de ter sua aragem de descanso. Lhe agradeço. Tem diabo nenhum. Nem espírito. Nunca vi. (ROSA, 1986,p. 3)

O medo que Riobaldo tem pelo Diabo é referente a um pacto que fez com ele no passado, em sua juventude para conseguir acabar com o bando de Hermógenes e, assim, agradar Diadorim. Em seguida ao pacto, Riobaldo, aparentemente, consegue forças suficientes para lutar contra o grupo de Hermógenes, que era considerado o “traidor” por matar Joca Ramiro, pai de Diadorim. Os jagunços acreditavam que Hermógenes havia feito um pacto com o diabo.

Riobaldo vive em um mundo de incertezas, de dúvidas sobre o seu amor por Diadorim, a existência do diabo, ficar ou sair da vida de jagunço. Ele vive uma situação que “querer o bem com demais força, de incerto jeito, pode já estar sendo se querendo o mal, por principiar...”, (ROSA, 1986, p. 9). A vida de Riobaldo não tem um porto seguro, ele ainda não conseguiu se encontrar. No universo dele “as pessoas ainda não foram terminadas”. (ROSA, 1986, p. 15) por isso ele vive uma mudança constante até se mudar para a fazenda Santa Catarina para viver com Otacília.

O significado do sentimento que Riobaldo experimentou por Diadorim, foi o seu segundo drama. Em *Grande Sertão: veredas*, Riobaldo conhece vários amores, mas apenas três fazem muita diferença em sua travessia: o envolvimento com

Otacília, moça recatada que conheceu na fazenda Santa Catarina; o amor sensual por Nhorinhá, uma prostituta, filha de Ana Duzuza; e o amor envolvente por Diadorim. Desses três, o último amor é o mais importante e, ao mesmo tempo, impossível. Diadorim é uma mulher guerreira, filha de Joca Ramiro, que se faz passar por homem – Reinaldo – para lutar e vingar a morte do pai. No final da narrativa, quando Diadorim morre em uma batalha contra Hermógenes, então Riobaldo descobre que seu amor é Maria Deodorina. A descoberta do amor por Diadorim surpreende Riobaldo, que nunca tivera nenhum traço homossexual. Apesar disso o amor crescia incontrolável:

Mas Diadorim, conforme diante de mim estava parado, reluzia no rosto, com uma beleza ainda maior, fora de todo comum. Os olhos – vislumbre meu – que cresciam sem beira, dum verde dos outros verdes, como o de nenhum pasto.(...) De que jeito eu podia amar um homem, meu de natureza igual, macho em suas roupas e suas armas, espalhado rústico em suas ações?! Me franzi. Ele tinha a culpa? Eu tinha a culpa?(ROSA, 1986, p. 436 e 437)

Grande Sertão: veredas possui quatro planos que se interpenetram: o primeiro plano é individual em que Riobaldo aflora seu lado místico e oscila entre deus e diabo. O segundo plano é coletivo onde a influência da literatura popular faz Riobaldo semelhante a um herói vivido na Idade Média e aculturado no sertão de Minas Gerais. A narrativa, em seu terceiro plano, é voltada a enfatizar os elementos naturais - sertão, vento, rios, buritis que se tornam personagens vivos e atuantes; e, por fim, a linguagem.

Grande Sertão: veredas é uma obra que retrata uma difícil travessia que Riobaldo faz do rio São Francisco; a travessia do sertão, do amor e do medo; a travessia da morte e do diabo. E também a travessia que Riobaldo faz de sua própria vida, ao repassá-la na memória e contar sua história a um interlocutor.

Somente no final da narrativa é que as coisas fazem sentido para Riobaldo. E o sentido da vida também fica claro: “porque aprender a viver é que é o viver

mesmo". E chega a uma conclusão sobre sua dúvida inicial: "O diabo não há! É o que eu digo, se for... Existe é o homem humano. Travessia"(ROSA, 1986, p.538).

CAPÍTULO 3 — ANÁLISE DO CORPUS

3.1 FIGURAS FEMININAS EM *GRANDE SERTÃO: VEREDAS*

Neste capítulo, será analisada a travessia das figuras femininas em *Grande Sertão: veredas* e a importância de cada uma delas na vida e na construção do personagem Riobaldo. Diadorim, Otacília e Nhorinhá são as principais mulheres que passaram pela vida de Riobaldo amando-o e contribuindo, cada uma a seu modo, para fazer dele um dos personagens mais queridos na Literatura Brasileira.

Em *Grande sertão: veredas* encontram-se mulheres de vários tipos, algumas sensuais, eróticas e dedicadas ao prazer da carne como Nhorinhá, Maria-da-Luz, Hortência, Miosótis e Rasa'uarda, outras como Otacília que mais se entrega ao verdadeiro amor e por fim Diadorim que, apesar de ter uma natureza feminina, não é sensual, mas envolve o jagunço Riobaldo em um grande jogo de sedução.

Riobaldo tem contato com várias mulheres de várias essências, mulheres estas que com carinhos, rezas, lutas, amor e sexo contribuíram para a sua formação.

3.1.1 A Construção e a Presença de Diadorim

Maria Deodorina da Fé Bettancourt Marins, nasceu em 11 de Setembro, de ano desconhecido. Este era o nome de batismo de Diadorim que também, ao longo da narrativa, atendia pelo nome de Reinaldo.

Diadorim era a única filha de Joca Ramiro, chefe dos jagunços, assassinado por Hermógenes. Ramiro tinha grande senso de justiça e era admirado por todos.

Diadorim, ao longo do romance, possui, concomitantemente, três nomes: Maria Deodorina da Fé Bettancourt Marins que só aparece no final da narrativa, quando morre e então o seu verdadeiro sexo é conhecido; Diadorim, nome que somente Riobaldo conhece e Reinaldo, nome usado pelo grupo de jagunços.

Escuta: eu me chamo Reinaldo, de verdade este é nome apelativo, inventado por necessidade minha..." (ROSA, 1986, p.133) [...] o meu nome verdadeiro, é Diadorim:...Guarda este meu segredo; Reinaldo, Diadorim, me dizendo que este era real o nome dele — foi como dissesse notícia do que em terras longe se passava. Era um nome, ver o que. Que é que é um nome? Nome não dá: nome recebe (ROSA, 1986, p. 134).

O nome Reinaldo que pelo qual Diadorim atendia era devido a sua condição guerreira, pois uma mulher seria pouco respeitada para conviver entre os jagunços chefiados pelo pai. Então, por determinação paterna, Diadorim passava a se travestir de homem e se chamaria Reinaldo.

Diadorim foi vista por Riobaldo pela primeira vez, fazendo a travessia pelo Rio São Francisco e sua coragem foi observada por ele. Riobaldo tinha quatorze anos e estava pagando uma promessa às margens do rio, juntamente com a mãe. Diadorim tinha a mesma idade de Riobaldo a quem contava as palavras do pai, alertando-o de que carecia ser diferente dos outros meninos.

Morta a mãe de Riobaldo, ele foi morar com o padrinho que, depois, descobriu ser seu verdadeiro pai. Revoltado, saiu e encontrou, coincidentemente, Diadorim-

Reinaldo que o convidou para fazer parte do grupo de Joca Ramiro.

Diadorim viveu um papel masculino durante toda sua vida, situação esta imposta pelo pai que a impossibilitava de ter uma vida amorosa com Riobaldo. Ela não se deixava levar pelo jogo de sedução no qual era personagem principal, aquela que seria seduzida pelo companheiro de armas. Em uma recusa à pedra de Araçuaí, pedra dada por Riobaldo simbolizando o amor, ela deixava claro o seu destino, continuaria sendo Reinaldo, iria guerrear contra Hermógenes e assim vingaria a morte do pai. Se, ao contrário, aceitasse a pedra, seu destino seria completamente diferente, pois aceitaria a sua condição feminina e abandonaria a idéia fixa de vingança, poderia constituir família e então voltaria a paz no sertão.

O amor que Riobaldo sentia por Diadorim era de difícil entendimento para ele, pois acreditava estar vivendo um amor homossexual, um amor impossível de ser aceito pelos sertanejos e isto fazia com que ele tivesse um grande sentimento de culpa. “De que jeito eu podia amar um homem, meu de natureza igual, macho em suas roupas e suas armas, espalhado rústico em suas ações?! Me franzi. Ele tinha a culpa? Eu tinha a culpa. (ROSA, 1986, p.119)

Riobaldo se sentia confuso e triste quanto ao seu sentimento por Diadorim. Riobaldo tinha necessidade de ver em Diadorim traços femininos, inclusive os olhos verdes faziam-no lembrar dos olhos de sua mãe. “Os afetos. Doçura do olhar dele me transformou para os olhos de velhice da minha mãe. Então, eu vi as cores do mundo. Como no tempo em que tudo era falante, ai, sei.”(ROSA, 1986, p. 127)

Riobaldo sentia por Diadorim um amor sincero mas com limites e barreiras. O limite imposto pelo sertão onde tudo era perigoso inclusive um amor homossexual.

Diadorim representava a figura do desconhecido e do inexplorado, nunca dizia amar Riobaldo, mas suas ações deixavam claro esse amor. Diadorim

sentiu ciúmes de Otacília quando o bando se refugiou na fazenda de seu pai, Sô Amadeu, e Riobaldo se encantou pela moça. Diadorim não admitia outros amores de Riobaldo chegou até a ameaçá-lo com um punhal. Diadorim sentia vontade de contar para Riobaldo sua verdadeira identidade, mas tinha medo de fazer com que seus planos fossem por água abaixo e colocava a vingança em primeiro lugar na sua vida, mas deixava claro que iria em breve lhe revelar um segredo. “... Riobaldo, o cumprir de nossa vingança vem perto... Daí, quando tudo tiver repago e refeito, um segredo, uma coisa, vou contar a você...” (ROSA, 1986, p. 450).

Diadorim, muitas vezes era o anjo da guarda de Riobaldo, pedia pra que Otacília rezasse para ele, tentava fazer com que ele não fizesse o pacto , mas Riobaldo fez e depois sentiu vergonha de Diadorim e fugiu dela. Diadorim impediu Riobaldo de matar o leproso. Enquanto Riobaldo , confuso com a condição de amar um ser que para ele era homem, mas às vezes mostrava características femininas, ele queria deixar sua vida mais clara, menos confusa, menos embaralhada e muitas vezes exigia isso dele.”... eu careço de que o bom seja bom e o ruim ruim, que dum lado esteja o preto e do outro o branco, que o feio fique bem apartado do bonito e a alegria longe da tristeza! Quero todos os pastos demarcados...(ROSA, 1986, p.191/192).

Riobaldo não percebeu as características femininas de Diadorim, seus olhos verdes, mãos finas e brancas e gestos delicados contrários aos de um guerreiro que tinha a vingança como pensamento fixo, que era frio e valente. Matava sem culpas e fazia do guerrear sua missão terrena. “Os olhos verdes, semelhantes grandes, o lembrável das compridas pestanas, a boca melhor bonita, o nariz fino, afiladinho.”(ROSA, 1986, p. 118) Mesmo com características de guerreiro, Diadorim

era vista muitas vezes por Riobaldo como uma santa, Nossa Senhora da Abadia, que o transportava à paz e a tranqüilidade de estar perto do ser amado.

Diadorim, nas asas do instante, na pessoa dele vi foi a imagem tão formosa da minha Nossa Senhora da Abadia! A santa... Reforço o dizer: que era belezas e amor, com inteiro respeito, e mais o realce de alguma coisa que o entender da gente por si não alcança (ROSA, 1986, p. 437).

Riobaldo pensava várias vezes que Diadorim podia ser mulher, mas as evidências eram masculinas e então o jagunço chegava a sonhar com a transformação de Diadorim. “Noite essa, astúcia que tive uma sonhice: Diadorim passando por debaixo de um arco-íris”(ROSA, 1986, p. 39). O amor que Riobaldo sentia por Diadorim começava a ficar mais forte e incontrolável a ponto dele não saber mais o que fazer para não demonstrá-lo e esconder de todos da jagunçagem.

Mas eu gostava dele, dia mais dia, mais gostava. Diga o senhor: como um feitiço? Isso. Feito coisa-feita. Era ele estar perto de mim, e nada me faltava. Era ele fechar a cara e estar tristonho, e eu perdia meu sossego (ROSA, 1986, p. 125).

Riobaldo convidava Diadorim para deixar os jagunços e esquecer a vingança , para irem para longe daquele lugar que só tinha transmitido tristezas, mas Diadorim não aceitava deixando clara a sua opção.

Diadorim lutava contra Hermógenes, “ o Judas”. Em uma luta com armas brancas, ambos morreram. Só assim Riobaldo descobriu que seu amor era completamente possível e, por opção do ser amado, não se concretizou. A morte de Diadorim restabeleceu a paz no sertão pois era ela que trazia consigo um desejo de vingança em relação a Hermógenes por ter matado seu pai a traição.

3.1.1.1 Dialogismo, Polifonia e Antítese em Diadorim

O dialogismo está presente na figura de Diadorim, pois se o dialogismo é, segundo Bakhtin, o diálogo entre os conceitos, o reconhecimento das ideologias em comunicação, mesmo de si para consigo, Guimarães Rosa expõe este diálogo nos seus personagens em *Grande Sertão: veredas*.

Guimarães Rosa usa o seu conhecimento de mundo, do viver possível de cada um de seus personagens e faz com que Riobaldo seja o representante direto, conforme a visão que ele tem de todas as mulheres de *Grande Sertão: veredas*. Uma visão que teria a base no conhecimento ideológico de Guimarães transposto para o pensamento de Riobaldo e é, assim, pautado no conhecimento dialógico de Rosa que Riobaldo lê o mundo.

Esta é a base para qualquer citação que Riobaldo poderá fazer ao longo da obra em estudo, o que será comum a todos os personagens. A estrutura do Discurso Literário deverá contar com o Dialogismo como fonte de quaisquer manifestações desta arte, seja em verso ou em prosa.

O Dialogismo está presente em Diadorim nas suas relações com o seu mundo e com os mundos que criou para si, ora em um mundo em que é homem — Reinaldo, ora o seu mundo mulher — Maria Deodorina, ora um mundo onde se juntam os dois, masculino e feminino, Diadorim.

O fato de Diadorim ser personagem polifônica, de utilizar várias vozes em seu discurso, tanto masculino quanto feminino, caracteriza a Antítese, as idéias opostas vivenciadas por ela. O diálogo literário não se resolve na polifonia dos discursos realizados no sertão, considerando-se que a estranheza causada pela

maneira de ser de Diadorim se dá pela natureza diferente de discursos entre o mundo feminino e o masculino, quando se espera uma diferença de dizeres e fazeres, segundo a ideologia brasileira do ser homem e ser mulher no sertão.

A Polifonia, portanto, está no embate entre o discurso dos sexos, dialogia está na visão de cada mundo da personagem e a Antítese no fato de ser homem e ser mulher, se vestir de homem e ser amado por outro homem, Riobaldo.

Riobaldo vive um amor de forma dupla em condições determinadas pela Antítese, pois ao mesmo tempo em que gostava, entendia que este gostar estava além dele mesmo, talvez por ordem de algum feitiço. Ao mesmo tempo em que a presença de Diadorim bastava para preencher-lhe o espírito enamorado, a tristeza lhe invadia ao ver a presença do outro quando triste. Uma junção de alegria e tristeza ao mesmo tempo, de gostar e de não entender os próprios porquês deste sentimento:

Mas eu gostava dele, dia mais dia, mais gostava. Diga o senhor: como um feitiço? Isso. Feito coisa-feita. Era ele estar perto de mim, e nada me faltava. Era ele fechar a cara e estar tristonho, e eu perdia meu sossego (ROSA, 1986, p. 125).

Assim, simplificando-se, é possível perceber a construção discursiva do segmento da seguinte forma:

O dialogismo no fragmento acima está nas ideologias do que é ser homem ou mulher, além de se notar o encantamento que os sexos opostos devem nutrir um pelo outro, pois a idéia de par, feminino e masculino, faz parte da cultura brasileira do conceito de união verdadeira. A polifonia apresenta no fato de ser homem e mulher ao mesmo tempo provoca o embate entre os discursos diferentes desses dois mundos, ora unidos pela diferença, ora distanciados por costumes particulares do que é ser e agir como homem, ser e agir como mulher. A antítese surge da

polifonia na explicação dos mundos diferentes dos homens e das mulheres, como figuras que se completam, mas, ao mesmo tempo são opostas.

A Antítese é aparente na apresentação das dúvidas de Riobaldo (Deus x Demo), não sendo Oxímoro, pois não há paradoxo e sim diferenças que reforçam entre os dois o estado de ser de um e do outro. O diálogo está inscrito na fala de Riobaldo consigo mesmo e a Polifonia nos discursos contrários, em disputa, criados pelas religiões, no que diz respeito ao embate discursivo entre Deus e o Demônio, um outro diálogo que na razão polifônica não se resolve e é referido na figura de Diadorim “Mais, que coragem inteirada em peça era aquela, a dele? De Deus, do Demo?” (ROSA, 1986, p. 74).

Então, analisando os fragmentos verifica-se que as ideologias do que é ser de Deus e o que é ser do demônio surgem no discurso religioso popular, logo faz parte das idéias do personagem como reflexo do pensar daquela sociedade, daquela comunidade, do sertão onde ele vive. A polifonia está na construção do discurso religioso, na temática Deus x demônio, cada um com suas propriedades e ideologias. No discurso do personagem, tal embate aparece, pois a sedução pode decorrer de duas naturezas, divina e profana, logo, há um embate entre esses discursos, que não se resolvem imediatamente no pensamento do personagem. A antítese aparece na apresentação de Deus e do demônio, do sagrado e do profano causando a grande dúvida do personagem, levando Riobaldo a deparar com a dificuldade de aceitar o desejo por Diadorim.

Ao mesmo tempo em que Diadorim causa o fascínio da mulher sobre o homem, também traz a Riobaldo as lembranças de sua mãe, pela doçura do seu olhar. Riobaldo encontra-se confuso entre a lembrança da mãe e a presença da amada, uma Antítese perceptível pelo embate polifônico da figura sagrada(mãe) e

“profana”(amada), da santa e da mulher comum no mesmo diálogo externado pela mesma personagem Diadorim.

Os afetos. Doçura do olhar dele me transformou para os olhos de velhice da minha mãe. Então, eu vi as cores do mundo. Como no tempo em que tudo era falante, ai, sei. (ROSA, 1986, p.127).

Diadorim, nas asas do instante, na pessoa dele vi foi a imagem tão formosa da minha Nossa Senhora da Abadia! A santa... Reforço o dizer: que era belezas e amor, com inteiro respeito, e mais o realce de alguma coisa que o entender da gente por si não alcança (ROSA, 1986, p. 437).

Fazendo uma análise dos dois fragmentos acima, podemos verificar que no dialogismo as ideologias sobre que é ser mulher e ser mãe-santa ao mesmo tempo surgem na construção desses conceitos transmitidos pelos discursos da sociedade brasileira. Na polifonia há um embate entre o discurso da mulher sedutora e o da mãe, embora ambas sejam mulheres. Portanto, ora o discurso será o da santa no dizer e agir da mãe, ora profano no dizer da mulher sedutora. A antítese é representada na construção dos dizeres da mãe, opostos aos dizeres da mulher “profana”, mesmo podendo ser a mulher os dois elementos, considerando-se contextos particulares, diferentes. A mulher, no contexto, representa duas espécies de amor: o amor materno e o amor da amada.

A antítese dominou o pensamento de Riobaldo que clama por definições claras do que é certo e do que é errado, como também buscou as definições precisas do que é ser homem e mulher.

Eu careço de que o bom seja bom e o ruim ruim, que dum lado esteja o preto e do outro o branco, que o feio fique bem apartado do bonito e a alegria longe da tristeza! Quero todos os pastos demarcados... (ROSA, 1986, p. 191 - 192).

No fragmento acima, observa-se que o dialogismo é representado pela idéia do que é o certo e do que é errado, isto é, a necessidade que Riobaldo tem de rotular e tornar extremas as idéias; nota-se, aqui, a influência do discurso religioso na sociedade brasileira, a certeza do certo (Deus) e do errado (demônio) e a

preocupação de se ajustar. Riobaldo quer criar um critério que dê conta de explicar suas incertezas. A polifonia surge do discurso religioso construído pela temática certo x errado — Deus x demônio. O embate discursivo nasce dos conceitos religiosos. A antítese nos mostra a idéia do bom separado do ruim, o preto longe do branco, o feio do bonito, e a alegria da tristeza, itens que são opostos em sua natureza.

A questão do divino é colocada por Rosa no dizer de Riobaldo, sabendo que o discurso homem x mulher é polifônico, é representado pela Antítese. Por ser visto como divino, o arco-íris é uma fonte religiosa para as comparações entre as diferenças que Rosa quer mostrar entre Sagrado x Profano: "Noite essa, astúcia que tive uma sonhice: Diadorim passando por debaixo de um arco-íris". (ROSA, 1986, p. 39).

O Arco-íris, além de ter a delicadeza feminina, de acordo com a visão ideológica brasileira do ser mulher, verifica-se que o dialogismo esta na ideologia do que é ser feminino, delicado e colorido no céu ,ser de Deus. Sendo as rudezas do sertão mais apropriadas para a figura masculina.A idéia de passar debaixo do arco-íris transformaria Diadorim em mulher, que no pensamento de Riobaldo é o sexo oposto. Essa idéia vem do interior de Minas Gerais, onde falamos que se um homem passa por debaixo do arco-íris ele vira mulher e vice-versa. A polifonia está na construção do discurso baseado na temática deus x demônio, delicado e rude, feminino e masculino cada um com suas propriedades e suas ideologias. A idéia de Diadorim passar ou não debaixo do arco-íris representa a antítese , pois o seu ato poderá transformá-la, assim, em uma mulher pela qual Riobaldo poderá dedicar, sem medo ou sem culpa, o seu amor.

“Mas então notei que estava contente demais de lavar meu corpo porque o Reinaldo mandasse, e era um prazer fofo e perturbado. "Agançamento!" — eu pensei. Destapei raivas. Tornei a me vestir, e voltei para a casa do preto”(ROSA, 1986, p. 125). As contradições de pensamento em Riobaldo definem a contradição de Diadorim, um ser duplo, e por ser duplo fez com que Riobaldo parasse para olhar o mundo de forma diferente. “... tomar banho”, conforme pedido de Reinaldo representa agradecer à mulher Diadorim e à figura masculina no momento de ordem. A Antítese está na própria leitura dupla de Riobaldo em função do duplo oferecido por Reinaldo/Diadorim.

Se o dialogismo está pautado na antítese, vê-se que também a polifonia está presente no discurso da ordem x obediência, sendo a ordem/ masculina e obediência/ feminina, perturbando o pensamento de Riobaldo na busca das definições que procura.

A natureza, os pássaros, assim como o arco-íris, são lembranças do céu. O olhar de Riobaldo na leitura de Diadorim é construído com referências de céu e terra, uma antítese de base que sustenta tudo o que seria do céu e o tudo que seria terreno, daí a comparação constante Deus x Demônio, um conflito ideológico que a figura feminina desperta em Riobaldo.

Mas então notei que estava contente demais de lavar meu corpo porque o Reinaldo mandasse, e era um prazer fofo e perturbado. "Agançamento!" — eu pensei. Destapei raivas. Tornei a me vestir, e voltei para a casa do preto (ROSA, 1986, p. 125).

Até aquela ocasião, eu nunca tinha ouvido dizer de se parar apreciando, por prazer de enfeite, a vida mera deles pássaros, em seu começar e descomeçar dos vôos e pouso. Aquilo era para se pegar a espingarda e Caçar. (ROSA, 1986, p. 22).

Com que entendimento eu entendia, com que olhos era que eu olhava? (ROSA, 1986, p. 126).

Analisando os trechos anteriores, observa-se que o dialogismo está nas ideologias do que é ser de deus e o que é ser do demônio. Surgem novamente as

indagações do que é ser homem, do que é ser da terra e do que é ser do céu, do que é ser mulher. A polifonia está no embate entre os discursos existentes na dúvida do narrador. Ele mesmo se pergunta com que olhos ele vê as coisas do mundo para se encontrar no conflito discursivo das definições do que é ser feminino e do que é ser masculino, entre o apreciar pássaros e caçá-los. A antítese é observada na explicação dos mundos diferentes do que é ser e pensar como homem ou como mulher. Da idéia de apreciar algo ou destruí-lo.

Levantei, por uma precisão de certificar, de saber se era firme exato. Só o que a gente pode pensar em pé — isso é que vale. Aí fui até lá, na beira dum fogo, onde Diadorim estava, com o Drumão, o Paspé e Jesualdo. Olhei bem para ele, de carne e osso; eu carecia de olhar, até gastar a imagem falsa do outro Diadorim, que eu tinha inventado (ROSA, 1986, p.276).

Neste trecho, Riobaldo demonstra a incerteza em relação à Diadorim. O dialogismo é representado nas ideologias do que é ser homem e ser mulher. A dúvida que surge no diálogo interno é a da verdade e a da mentira criada por Riobaldo. Ele acredita estar inventando uma nova figura de Diadorim para satisfazer o seu encantamento amoroso. A polifonia representa o embate discursivo que nasce da necessidade de manter fixo o conceito que se tem de material e de não-material, verdade e mentira. A polifonia temática encontra-se no discurso do narrador a sua materialização, então o caráter concreto, logo, verdadeiro que transmite Rosa nos seus relatos. A antítese é analisada no que é material e abstrato, sendo para os homens a união do que existe e do que é imaginário, mundos diferentes e, ao mesmo tempo, opostos que se integram na mesma visão social.

O Dialogismo, a Polifonia e a Antítese foram elementos discursivos marcantes e permanentes na construção da figura feminina de Diadorim. Os diálogos de Riobaldo que são mantidos consigo mesmo, apresentam as diferenças discursivas que o leitor podia aceitar em Polifonia. O efeito de Antítese que

Guimarães Rosa procurou causar no leitor foi alcançado, pois os mundos feminino e masculino foram unidos em uma só pessoa.

3.1.2 A Construção e a Presença de Otacília

Otacília era uma moça recatada, filha única de Sor Amadeu, proprietário da fazenda Santa Catarina, nos Buritis-Altos, cabeceira de vereda, perto do céu.

Riobaldo conheceu Otacília quando ele, Diadorim e um bando de jagunços foram esconder-se na fazenda do seu pai. “ Ela eu conheci em conjuntos suaves, tudo dado e clareado, suspendendo, se diz: quando os anjos e o vôo em volta, quase, quase”.(ROSA, 1986. p. 119). Riobaldo encantou-se com a beleza de Otacília assim que a viu: “Otacília, estilo dela, era toda exata, criatura de belezas.” (ROSA, 1986, p. 119) e não disfarçou tamanha a sua admiração.

Riobaldo se impressionou com a fazenda Santa Catarina, com os afazeres rurais, tiragem de leite, na lavagem indo para o chiqueiro, nas flores, no gado e nos porcos. Gostou também do carinho com que foi tratado na casa de Otacília, comida farta, café, leite servido em xícaras, tudo de muito bom gosto. A tranqüilidade que ele desejou para o seu futuro. Otacília apareceu pela segunda vez no outro dia, pela manhã: “Ela era risonha e descritiva de bonita; mas, hoje-em-dia , o senhor bem entenderá, nem ficava bem conveniente, me dava pejo de muito dizer.”(ROSA, 1986, p. 163).

Riobaldo e o bando precisaram ir embora da fazenda Santa Catarina, mas antes da saída Otacília prometeu o seu amor a Riobaldo. “E ela, por alegria minha, disse

que havia de gostar era só de mim, e que o tempo que carecesse me esperava, até que, para o trato de nosso casamento, eu pudesse vir com jus”.(ROSA, 1986, p. 170). Riobaldo saiu feliz e esperançoso de deixar aquela vida de jagunço, de guerras, de estar cada dia em um lugar e não ter sossego nem endereço certo. A vida com Otacília o traria de volta a paz, a condição de ser humano comum, aquele que se dedica à família, sociedade e aos afazeres. Otacília era o amor que Riobaldo precisava para viver melhor, algo real, sem ilusões e sem dificuldades, Nhorinhá, a pimenta-branca, era o amor apimentado, turbulento, voltado mais para o sexo, mais para a ilusão da paixão, algo forte e talvez menos duradouro, enquanto Diadorim era um amor que não conseguiu crescer, que foi podado antes de criar seus ramos, antes de realmente ser visto como amor. Este amor foi visto como algo errado, inaceitável cuja concretização não poderia acontecer.

De Otacília, Riobaldo queria somente o amor e a companhia para o resto de sua vida.

Não que eu acendesse em mim ambição de teres e haveres; queria era só mesma Otacília, minha vontade de amor. Mas com um significado de paz, de amizade de todos, de sossegadas boas regras, eu pensava: nas rezas, nas roupagens, na festa, na mesa grande com comedorias e doces; e, no meio de solene, o sor Amadeu, pai dela, que apartasse – destinado para nós dois – um buritizal em dote, conforme o uso dos antigos”.(ROSA, 1986, p. 171)

Riobaldo esperava receber como dote um buritizal e assim começar a sua vida com Otacília, longe da jagunçagem. Para Riobaldo, seu amor por Diadorim era impossível, mas Diadorim acreditava que quando terminasse sua vingança os dois ficariam juntos. Riobaldo procurou outro caminho para ser feliz junto de Otacília.

Otacília foi motivo de ciúmes tanto para Riobaldo quanto para Diadorim, Riobaldo

teve medo de Otacília se interessar por Diadorim, mas quando esta perguntou sobre o nome de uma flor e Otacília respondeu “liroliro” sem nem olhar na cara de Diadorim, isto deixou Riobaldo feliz, pois percebeu que ela não gostava de Diadorim. E Diadorim tinha ciúmes de Otacília com Riobaldo, pois ele não escondeu seu interesse pela moça.

Riobaldo ao conhecer Otacília quis muito ser culto e saber falar coisas bonitas, quis até mostrar a ela que poderia ser fiel: “Conheci que Otacília era moça direita e opiniosa, sensata mas de muita ação” (ROSA, 1986, p. 167), “ revirei meu fraseado. Quis falar em coração fiel e sentidas coisas” (ROSA, 1986, p. 167.).

Riobaldo aprendeu a falar bonito com Diadorim, falar doce, falar de pássaros se interessar por flores. Riobaldo viu uma flor na casa de Otacília e perguntou a ela daquela flor e ela disse que era “casa-comigo” , muito envergonhada e com a voz baixa, então ele pensou naquele antigo amor, Nhorinhá” que responderia “ Dorme-comigo”, a presença de Nhorinhá era constante em seus pensamentos.

Otacília esperou Riobaldo, casou-se com ele. Riobaldo então pode realizar o seu sonho que era ter o seu pedaço de terra, que também herdou de seu padrinho e largar a vida jagunça.

3.1.2.1 Dialogismo, Polifonia e Antítese em Otacília

O dialogismo entre os seres sociais é determinado pelo aspecto temporal em todas as passagens da obra. No fragmento a seguir, o fato aceitável é a troca entre o bem material e o ser, ou seja, o saber compartilhado que aquela sociedade

aceitava em relação casamento X dinheiro (dote), o que não deixa de esclarecer a natureza da Antítese Amor x Dinheiro; uma luta entre o poder religioso da fé e da caridade em embate com o discurso do poder unicamente de ordem financeira. Os conceitos de poder político-social e religioso são polifônicos e já parecem constantes na criação das mulheres roseanas que seguem as ideologias de uma época e de um determinado espaço, como se pode ler no trecho:

Não que eu acendesse em mim ambição de teres e haveres; queria era só mesmo Otacília (...) e, no meio do solene, o sôr Amadeu, pai dela, que apartasse — destinado para nós dois — um buritizal em dote, conforme o uso dos antigos (ROSA, 1986, p.171)

O Dialogismo entabulado por Riobaldo, nesta conversa íntima consigo mesmo, revela o julgamento que realiza entre o que é ser sagrado e profano, uma disputa polifônica já em discussão entre os discursos sociais de como deve ser uma mulher-esposa, de um só homem, e a não-esposa. A Antítese é evidente no ser mulher sagrada x não sagrada, pois a não sagrada existe e já foi motivo de referência e comparação.

Otacília, estilo dela, era toda exata, criatura de belezas" (ROSA,1986, p. 119)

E ela, por alegria minha, disse que havia de gostar era só de mim, e que o tempo que carecesse me esperava, até que, para o trato de nosso casamento, eu pudesse vir com jus. (ROSA, 1986, p. 170).

No recato em descrever a mulher-esposa, Riobaldo guarda para si um diálogo, o mesmo que Guimarães esperou do seu leitor e com a mesma visão, isto é, o respeito e cuidado que se deve ter ao descrever as características de uma esposa. Nota-se que a figura feminina é polifônica ao se acreditar existir mulher que serve para ser respeitada e a que não serve, uma polifonia estabelecida pela própria religião ao comparar Maria, mãe de Jesus, a Maria Madalena, a pecadora que não

foi indicada para ser a mãe do menino Deus; a mulher santa é como Otacília, pois é ela que reza e tem contato com Deus. A Antítese remonta aos próprios conceitos religiosos que pregam o fato de todos serem iguais perante Deus, uma ideologia assumida de forma contraditória nos discursos sociais calcados no discurso religioso brasileiro.

Ela era risonha e descritiva de bonita; mas, hoje-em-dia, o senhor bem entenderá, nem ficava bem conveniente, me dava pejo de muito dizer. (ROSA, 1986,p. 163).

Diadorim pede-lhe inclusive que ore pela salvação e pelo destino de Riobaldo: "Pedi a ela que rezasse por você, Riobaldo... Assim pela esperança de saudade que ela tivesse, que não esbarrasse de rezar, o todo tempo, por costume antigo...(ROSA, 1986, p. 425).

A mulher santa, sagrada encontra-se na figura de Antítese no diálogo que Riobaldo mantém consigo mesmo, com Rosa e seus leitores. Dividem-se os discursos entre o Sagrado x Profano constantemente, apontando uma santa, Otacília, que deverá ter seus momentos de profana para ser mulher-esposa-amante de seu marido, quando a profanação é permitida. A mesma mulher que ajoelha para rezar pode ser a gata mimosa, de “camisola fina de ló”, oferecendo a feminilidade com os olhos. A figura do anjo de camisola diante do sagrado, então, é contraposta à da mulher profana que cativa o homem até por sua singeleza:

Otacília no quarto, rezando ajoelhada diante de imagem, e já aprontada para a noite, em camisola fina de ló. (ROSA, 1986,p.331 - 332).

...ela com sua cabecinha de gata, alva no topo da alpendrada, me dando a luz de seus olhos. (ROSA, 1986, p. 268).

3.1.3 A Construção e a Presença de Nhorinhá

Riobaldo conhece Nhorinhá, filha de Ana Duzuza, uma velha de olhos

arregalados que: “...falava ser filha de ciganos, e dona adivinhadora da boa ou má sorte da gente” (ROSA, 1986, p. 24) em um lugarejo que ele pára para se descansar por alguns minutos.

Nhorinhá era prostituta, com o consentimento da mãe que aceitava a situação desde que ela estivesse com homens que não fosse do lugarejo, mesmo sendo jagunços ou tropeiros. Riobaldo estava indo visitar o povoado dos pretos, fez uma parada na Aroeirinha e então viu Nhorinhá, vestida de vermelho encostada em um portal, rindo. Ela o Chamou: “_ O moço de barba feita...” (ROSA, 1986, p. 24)

“Eu nem tinha começado a conversar com aquela moça, e a poeira forte que deu no ar juntou nós dois, num grosso rojo avermelhado. Então eu entrei, tomei um café coado por mão de mulher, tomei refresco, limonada de pêra-do-campo. Se chamava Nhorinhá.”(ROSA, 1986, p.24)

Então o envolvimento de Riobaldo e Nhorinhá começou depois que ela o chamou, neste momento um enorme redemoinho os juntou e aquele dia foi finalizado na cama de Nhorinhá, em lençóis de cetim, feito “casamento sponsal”.

Este tipo de amor que Riobaldo dedicou à Nhorinhá era um amor tranquilo, apesar de não ser seguro, pois uma mestra na arte de seduzir também poderia causar a ele uma espécie de dificuldade de aceitação por parte da sociedade e por parte dos jagunços. Era como se voltássemos ao amor por Diadorim, considerado homossexual, agora o amor por Nhorinhá, uma prostituta, tanto um amor quanto outro não era visto com bons olhos pelos jagunços.

Neste amor que Nhorinhá dedicava a Riobaldo também houve um presente, mas este mimo não foi feito por Riobaldo, como a pedra que ele ofertou a Diadorim e esta se negou a aceitar. Nhorinhá agradeceu Riobaldo com uma presa de jacaré como se fosse um presente a um namorado. “Depois ela me deu de presente uma presa de jacaré, para traspasar no chapéu, com talento contra mordida de cobra; e

me mostrou para beijar uma estampa de santa, dita meio milagrosa. Muito foi.
(ROSA, 1986, p.24).

A idéia de dar uma estampa de santa para Riobaldo beijar é no mínimo diferente, pois uma prostituta que tem fé em santos, filha de uma senhora que tem uma inclinação para feitiços e magias, neta de ciganos e o jagunço que está ligado diretamente com guerras e mortes são características um pouco distantes da fé católica.

O amor que envolveu Riobaldo e Nhorinhá era calmo e tranqüilo, simples e natural, amor este que poderia ter tido um final feliz, a força do destino que os uniu foi a mesma que os separou. Este amor tinha a aceitação de Ana Duzuza.

Riobaldo só esteve com Nhorinhá uma única vez e foi o suficiente para amá-la pelo resto da vida. Sempre a saudade trazia de volta ao pensamento Nhorinhá e a tristeza de não ter conseguido levar este amor até o final. Riobaldo casou-se com outra mulher, Otacília.

Nhorinhá enviou uma carta a Riobaldo. Esta carta extraviou e só chegou às mãos de Riobaldo depois de oito anos. Riobaldo sempre se angustiava ao pensar como teria sido se tivesse recebido esta carta na época em que ela foi enviada. Ele acreditava que poderia ter desposado Nhorinhá e não Otacília.

Riobaldo defendia sempre a imagem de Nhorinhá como sendo a mulher de seus sonhos, a mulher que ele queria para ele, para a vida dele, mas o destino não aceitou. Nhorinhá marcou os pensamentos de Riobaldo para o resto de sua vida.

Riobaldo defendia Nhorinhá: “E , isto, a torto digo, porque as duas não se comparavam com Nhorinhá, não davam nem para lavar os pés dela.”(ROSA, 1986, p.464)

Riobaldo atribuía valores a Nhorinhá e falava da carta não lida:

“Dela eu ainda não tinha podido receber a carta enviada. Para mim, era só uma saudade a se guardar. Hoje é que penso. Nhorinhá, namorã, que recebia todos, ficava lá, era bonita, era a que era clara, com os olhos tão dela mesma... E os homens, porfiados, gostavam de gozar com essa melhora de inocência. Então, se ela não tinha valia, como é que era de tantos homens?” (ROSA, 1986, p. 458)

O amor que Riobaldo experimentou por Nhorinhá se transformou em algo platônico e ele fez uma nova escolha, Otacília.

3.1.3.1 Dialogismo, Polifonia e Antítese em Nhorinhá

O diálogo que Riobaldo mantém consigo mesmo revela sua dúvida no que diz respeito ao que se pode e ao que se deve gostar, a polifonia discursiva é taxativa ao dar como vencedora a disputa entre o discurso da mulher sagrada e o da mulher profana que não deve ser amada.

A satisfação sexual de Riobaldo é analisada pelo desempenho sexual de Nhorinhá, do que se pode concluir que, por este motivo, Nhorinhá está em Riobaldo como confirmação da sua masculinidade e que Diadorim é o conflito de mundos, mas não de definição sexual. A Antítese maior está em saber e viver o que pode e deve ser o amor. A sexualidade é Antítese do amor, neste caso, a idéia de sexualidade não exclui nenhuma outra idéia, mas, de alguma forma se diferencia e se complementa.

E, isto, a torto digo, porque as duas (Maria da Luz e Hortência) não se comparavam com Nhorinhá, não davam nem para lavar os pés dela. (ROSA, 1986, p. 464)

Nhorinhá, namorã que recebia todos, ficava lá, era bonita, era a que era clara, com os olhos tão dela mesma... E os homens, porfiados, gostavam de gozar com esta melhora de inocência. Então, se ela valia, como é que era de tantos homens? (ROSA, 1986, p. 458)

Quando recebi a carta, vi que estava gostando dela, de grande amor em lavaredas; mas gostando de todo o tempo, até daquele tempo pequeno que com ela estive, na aroeirinha, e conheci concernente amor. (ROSA 1986, p. 83)

A antítese Sagrado x Profano é uma constante em Nhorinhá, ao mesmo tempo que se tem a promessa do corpo por ela ser uma prostituta, tem-se a promessa da fé que ela tem por Nossa Senhora. A figura da mãe e da prostituta, novamente é reforçada com a presença da mãe de Nhorinhá. A mãe é a Antítese dela mesma, ela detém a identidade dupla de santa x feiticeira. A filha, de alguma forma, é a réplica da sua mãe, na leitura que Riobaldo realiza. Esta leitura é pautada no Dialogismo, considerando-se que há um diálogo interno para que haja esta classificação em memória e, no mesmo tempo, polifônica, lembrando o discurso religioso que entrou e entra em arena na disputa das definições do que é do mundo e do que é de Deus.

Depois ela me deu de presente uma presa de jacaré, para traspasar no chapéu, com talento contra mordida de cobra; e me mostrou para beijar uma estampa de santa, dita meia milagrosa. Muito foi (ROSA, 1986, p. 26).

Você já paga tão escasso então por Joca Ramiro? Por conta duma bruxa feiticeira, e a má-vida da filha dela, aqui neste confim dos gerais?! (ROSA, 1986, p. 28).

Guimarães Rosa, como autor das personagens femininas em estudo, coloca-se também na conjunção Dialogismo, Polifonia e Antítese durante todo o romance, pois que é constituído por embates polifônicos sociais nos seus discursos, dialoga consigo mesmo na construção de Riobaldo, que também dialoga com ele mesmo entre todas as diferenças sociais, por este motivo o pensamento é emocional e racional-social-ideológico, o que justifica as Antíteses de pensamento

(Emocional x Racional), de atitudes percebidas nas suas mulheres, nele mesmo – Riobaldo- e no próprio Rosa.

Uma mulher é diferente da outra, a Antítese aparece entre elas. Elas são diferentes, porém não se excluem não sendo representantes do Oxímoro, e mesmo Reinaldo não sendo mulher consegue sê-lo ao assumir um tipo feminino que também não exclui o homem que é. Guimarães Rosa, de maneira excepcional, adentra nos discursos sociais e revela-se conhecedor não só das ideologias da cultura brasileira, como também adentra nas almas femininas e apresenta como ser mãe, prostituta, esposa, talvez como nenhum outro autor tenha conseguido e tendo o sertão como paisagem.

CAPÍTULO 4 — CONCLUSÃO

A proposta teórica desta pesquisa era demonstrar as origens e tendências da Análise do Discurso (AD). Tal análise, baseada na linha francesa, segundo Maingueneau, foi citada com o intuito de não descartar o pensamento moderno que hoje circunda as bases da Análise do Discurso. Assim também foram incluídos os pensamentos de Orlandi e de Foucault.

Demonstrei o motivo pelo qual é a Literatura um discurso especializado, e para que se comprovasse a realidade literária, Tavares foi utilizado como autor de grande importância para o estudo da natureza estética.

Desta forma, as relações entre as ciências como, por exemplo, História, Filosofia e Sociologia, foram lembradas para que a Literatura fosse analisada de maneira ampla e contextual.

Considerando-se os estilos de época, tornou-se fundamental levantar dados que explicassem a essência do Modernismo e do Neomodernismo, período que caracteriza a obra de Guimarães Rosa.

As figuras de pensamento — especificamente a Antítese - foram retomadas para a realização da aplicação teórica no *corpus*, pois havia, inicialmente, a pressuposição que diferentes concepções, contraditórias até, na formação das personagens femininas roseanas, que ora se distanciavam e ora se aproximavam, isto é, diferentes entre si, mas que se complementavam na vida de Riobaldo. Assim, tomou-se a figura Oxímoro para demonstrar a distância que há entre o conceito de

diferença e o de exclusão, o que caracteriza o Oxímoro, diga-se, não aplicado na formação das personagens estudadas.

A Antítese marca um dos estilos literários de Guimarães Rosa , sendo esta figura de pensamento uma característica do modernismo e do neomodernismo. Rosa qualificou-se, pelo uso das formas e do conteúdo, como um dos maiores representantes literários de seu tempo.

Esta lógica das diferenças, aparentemente contraditória, é a expressão da liberdade do escritor na criação de suas histórias e personagens em um momento de revelação de contrastes sociais discutidos pela Literatura.

O Dialogismo e a Polifonia, segundo Bakhtin, apontaram a existência de embates e diálogos internos e externos, calcados nas ideologias brasileiras do falar e do pensar e, igualmente, da visão do autor mineiro e da de seus personagens dos Sertões de Minas Gerais, muitos deles nascidos da convivência real com o autor.

Esta exposição da cultura brasileira, do que é ser homem, mulher e homem-mulher não habituado a tantas diferenças, depara-se com as contravenções sociais, ainda mais as do sertão mineiro, onde qualidades e atitudes estavam definidas e definiam o ser e o papel social de homens e mulheres da época.

As diferentes vozes (polifonia) e os diálogos (dialogismo), segundo Bakhtin foram os elementos discursivos priorizados na análise do *corpus*.

A vida de Guimarães Rosa foi, sucintamente, apresentada como justificativa e prova ser o autor um homem além de seu tempo, compondo-se a lógica do contexto-estilo-autor e obra. As inquietações de Rosa em *Grande Sertão: veredas* eram inovadoras, reais, provocativas e levantavam questões, muitas vezes, veladas pelo cuidado com as tradições dos costumes do local, diga-se, do sertão de Minas Gerais e também dos sertões brasileiros.

Grande Sertão: veredas nomeia o Capítulo 2. Nele uma breve síntese da obra facilitará para os leitores a identificação das características do trabalho.

O relacionamento complexo entre Riobaldo e Diadorim, o relacionamento simples na companhia de Nhorinhá e o estável com Otacília tornaram as três figuras femininas o ponto central das análises propostas nesta pesquisa, desta maneira, a leitura de Riobaldo, nascida pelo desejo e pensamentos de Rosa, despertou o interesse de desvendar os modos discursivos de três mulheres, entre as vinte figuras femininas que completam a obra, cada uma com suas características particulares a partir dos dizeres de Riobaldo.

Após a apresentação da construção e presença de Diadorim, representada por fragmentos extraídos da obra, o Dialogismo, a Polifonia e a Antítese, elementos discursivos utilizados na construção desta personagem, seguiu-se a apresentação de Otacília e de Nhorinhá, seguindo-se a mesma metodologia e lógica de análise.

Conclui-se que o Dialogismo, a Polifonia, conforme Bakhtin, e a Antítese são três elementos de natureza discursiva cuja presença é permanente na construção das personagens Diadorim, Otacília e Nhorinhá. Revelam as análises que, apesar de serem figuras femininas diferentes, não se excluem, apenas são diferentes. A relação de Riobaldo com estas mulheres não é a da escolha e exclusão, mas a da conciliação, portanto, esta relação não está baseada na figura de pensamento como oxímoro e sim na antítese. Observou-se também que, apesar das teorias (Dialogismo, Polifonia e Antítese) existirem como estilos e ferramentas plenas para a organização das figuras femininas em análise, são também instrumentos que modelam de forma diferente as personagens. Desta maneira, a teoria prova ser rígida e flexível, ao mesmo tempo, e esta liberdade no trato teórico foi o exemplo aplicado na prática por Guimarães Rosa.

Pode-se concluir, também, que os três recursos, Dialogismo, Polifonia e Antítese, se integram e conversam entre si para a construção de cada personagem e a análise das personagens mostra que o discurso religioso permeia todas as figuras femininas de Rosa. Ora se está no céu, ora se está no inferno e no inferno das dúvidas que tornam a obra densa, como é o pensamento e o ponto de vista do sertanejo.

A constante frequência com que se analisa o Dialogismo, Polifonia e Antítese nesse estudo colabora para o entendimento de que os recursos realmente existem e foram utilizados por Rosa e que tais recursos revelam o tempo todo as ideologias de um mundo vivido pelo autor, o que confirma os pensamentos que permeiam a cultura brasileira, de forma que a lógica discursiva foi todo o tempo mantida pelo autor, daí a preocupação de se conferir e confirmar todos os passos que foram dados para demonstrar a utilização que Rosa fez do que Bakhtin afirmou nas teorias discursivas que apresentou e que a figura Antítese fez parte todo o tempo no decorrer do que é considerado polifônico

Por fim, pode-se afirmar que a Análise do Discurso possibilita o desenvolvimento de análises literárias e, por que não dizer, colabora com os desenhos da criação em suas múltiplas formas, pois tem-se que as pessoas, fases e contextos são formados e transformados por ideologias diversas que dialogam e debatem no diálogo mutante do qual vivem os homens em suas épocas e em diálogos com outras épocas.

O jeito ímpar do viver de Guimarães Rosa, as inquietações provocadas em *Grande Sertão: veredas* são até hoje estudadas e reverenciadas e, com este trabalho, procurou-se enaltecer o autor, sua criação, suas figuras femininas,

mediante a análise do dialogismo, polifonia e a antítese, o que contribuiu para a comprovação e avanço do estudo da Análise do Discurso.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, M. "A cultura popular na idade média e no renascimento: O contexto de Rabelais". Trad. Yara F. Vieira. São Paulo/ Brasília: UNB, 1999.

_____. Marxismo e filosofia da linguagem. Trad. De Michel e Yara F. Vieira. São Paulo: Huicitec, 1992.

_____. Os gêneros do discurso. In: *Estética da Criação Verbal*. 2 ed..São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____. *Problemas da poética de Dostoievski*. Rio de Janeiro: Forense, 1997.

CHARAUDEAU, Patrick. *Dicionário de Análise do Discurso*. São Paulo: Contexto, 2006

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Aurélio: o dicionário da Língua Portuguesa* 6ª ed. Curitiba: Posigraf, 2004.

FOUCAULT, M. *A Arqueologia do saber*, 5ª edição, [As realidades Discursivas], Forense Universitária, Rio de Janeiro: Forense Universitária 1997.

_____. *As palavras e as coisas*. São Paulo: Martins fontes, 1985.

_____. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 1996.

GUIMARÃES, Vicente de Paulo. *Joãozinho Infância de João Guimarães Rosa* Editora José Olympio, INL, Rio de Janeiro 1972

LORENS, G. *Diálogo com Guimarães Rosa*. In: Guimarães Rosa, 2ª edição. In: Guimarães Rosa, 2ª edição, Rio de Janeiro, Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Coletânea organizada por Eduardo F. Coutinho 1991.

MAINGUENEAU, D. *Novas tendências em análise do discurso*. Campinas: Pontes, 1991.

_____. *Princípios de semântica lingüística*. São Paulo: Cultrix, 1977.

_____. *Termos-Chaves da Análise do Discurso*. Belo Horizonte: UFMG, 2000.

_____. *Análise de textos de comunicação*. São Paulo: Cortez, 2004.

MORAES, Vinícius de. *Antologia Poética* São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

ORLANDI, E. *A linguagem e seu funcionamento*. São Paulo: Brasiliense: 1984.

_____. *Texto e discurso: formulação e circulação dos sentidos*. Campinas: Pontes, 2002.

_____. *Análise do Discurso*. 6ª edição. São Paulo: Pontes, 2005.

ROSA, Guimarães. *Grande Sertão: veredas*. 39ª impressão. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1986.

SUPLEMENTO LITERÁRIO. *Guimarães Rosa 50º Grande Sertão: veredas*. Belo Horizonte, Maio de 2006, Edição Especial, Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais.

TAVARES, H. *Teoria Literária*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1996.

www.educaterra.terra.com.br/ livro do mês / 2004/ 09/ 24